



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Mariana Rosenthal

**A jornada de Crescimento no Cinema Coming of Age:
Estruturas Narrativas e o Processos de Amadurecimento em *Didi***

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Estudos de Mídia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Estudos de Mídia.

Orientadora: prof^a Marcia Antabi

Rio de Janeiro,
dezembro de 2025

Resumo

Este estudo investiga como o cinema do gênero *coming of age* constrói a jornada de amadurecimento de seus protagonistas e desperta, ao mesmo tempo, identificação e nostalgia nos espectadores. Para isso, analisa-se o longa-metragem *Didi* (Sean Wang, 2024), observando como os vínculos familiares, amizades, afetos amorosos e descobertas pessoais são representados em sua narrativa. O trabalho fundamenta-se em contribuições teóricas de Alistair Fox e outros estudiosos do gênero, articulando a análise do filme à tradição histórica e às transformações contemporâneas do *coming of age*. Busca-se compreender de que forma as estruturas narrativas e os elementos simbólicos mobilizados em *Didi* promovem tanto reconhecimento crítico quanto ressonância emocional junto ao público.

Palavras-chave: *Coming of Age*; Amadurecimento; Nostalgia; Identificação.

Introdução: o crescer na tela

O gênero *coming of age* retrata os anos de transição entre a infância e a vida adulta, acompanhando um protagonista em seu desenvolvimento emocional, suas descobertas pessoais e processo de conquista de autonomia. Os protagonistas costumam ser jovens em idade escolar ou universitária, enfrentando conflitos internos e externos que impulsionam sua jornada de autoconhecimento. O gênero mantém sua relevância ao longo das gerações por abordar experiências universais de crescimento e descoberta, despertando empatia, identificação e um forte senso de nostalgia, tanto em jovens quanto em adultos.

Esta pesquisa investiga como o cinema *coming of age* constrói narrativamente a jornada de amadurecimento de seus protagonistas. O foco recai sobre diferentes dimensões desse processo — vínculos familiares, amizades, afetos amorosos e o autoconhecimento — analisadas a partir da longa-metragem *Didi* (Sean Wang, 2024). A obra acompanha Chris, adolescente taiwanês-americano vivendo a transição para o ensino médio em 2008, período marcado por descobertas amorosas, conflitos familiares e a inserção no universo digital. Com sensibilidade e humor, o filme sintetiza elementos centrais do gênero e oferece identificação emocional ao público.

Para isso, o trabalho se apoia principalmente no livro *Coming-of-Age Cinema in New Zealand: Genre, Gender and Adaptation* (2018), de Alistair Fox — pesquisador de cinema e acadêmico neozelandês, professor emérito da University of Otago —, além de outros estudiosos que abordam a formação subjetiva e o simbolismo nas narrativas juvenis.

Apesar de seu reconhecimento acadêmico, o *coming of age* ainda é frequentemente estudado sob perspectivas tradicionais, pouco explorando aspectos mais subjetivos essenciais, como sensibilidade, simbolismo e nostalgia. Além disso, o amadurecimento tende a ser tratado como um processo linear, quando, na prática, manifesta-se de diversas formas: nos vínculos familiares, nas amizades, nas descobertas amorosas e nos conflitos internos.

Diante disso, este trabalho busca responder: de que forma o cinema *coming of age* constrói, por meio de suas estruturas narrativas, a jornada de amadurecimento de seus protagonistas? E como esses filmes despertam identificação e nostalgia no público?

Para isso, o artigo organiza-se em quatro partes: *Entre Infância e Adulto: origens do coming of age*, que discute a origem histórica do gênero e sua relação com o *Bildungsroman*; *Narrativas que moldam o crescimento*, que apresenta os principais eixos narrativos que estruturam o amadurecimento; *Nostalgia em cena*, que analisa como esses filmes despertam identificação e nostalgia.; e, por fim, *Didi: uma jornada do crescimento*, que examina o filme como estudo de caso.

Entre infância e adulto: origens do *coming of age*

O estudo do *coming of age* remonta ao século XVIII, quando a literatura começou a explorar a formação do indivíduo, principalmente por meio do *Bildungsroman*¹, gênero literário dedicado a narrar o amadurecimento e o desenvolvimento pessoal de um protagonista. Essas obras mostravam como a formação individual se dava em diálogo com a sociedade, inaugurando uma tradição que iria se consolidar também no cinema.

No século XX, o fortalecimento do cinema autoral e de narrativas intimistas abriu espaço para a representação da juventude como uma experiência complexa, marcada por descobertas, conflitos internos e tensões com as normas sociais.

As narrativas *coming of age* são onipresentes em todos os cinemas, assim como em todas as literaturas nacionais, porque elas oferecem uma figuração simbólica que possibilita às pessoas compreenderem quem são e como se tornaram o que elas se reconhecem ser. A adolescência é um período crucial durante o qual a formação da personalidade adulta e a estrutura do mecanismo psíquico se consolidam² (FOX, 2018, p. 11).

Nessa perspectiva, obras como *Juventude Transviada* (Nicholas Ray, 1955), *Os Incompreendidos* (François Truffaut, 1959) e *Conta Comigo* (Rob Reiner, 1986) exemplificam como o amadurecimento pode constituir o centro de construções

¹ O termo *Bildungsroman*, de origem alemã, refere-se a uma tradição literária que acompanha o processo de formação do protagonista, enfatizando seu desenvolvimento psicológico, moral e social enquanto ele transita da juventude à maturidade.

² No original: “Coming-of-age narratives are ubiquitous in all cinemas, as in all national literatures, because they offer people a symbolic figuration that makes it possible for them to understand who they are, and how they have come to be the way they recognize themselves as being. Adolescence is a crucial time during which the formation of one’s adult personality and the structure of one’s psychic mechanism is consolidated...”

dramáticas densas, capazes de emocionar e provocar reflexões sobre a passagem para a vida adulta.

A partir dos anos 2000, o gênero se expandiu em termos estéticos e temáticos, dialogando com outros gêneros e incorporando novas vozes e experiências. Filmes como *Lady Bird* (Greta Gerwig, 2017), *Moonlight* (Barry Jenkins, 2016) e *Me Chame Pelo Seu Nome* (Luca Guadagnino, 2017) exemplificam essa diversidade. Enquanto *Lady Bird* explora a identidade feminina em conflito com laços familiares, *Moonlight* aborda a formação da identidade racial e sexual em contextos de vulnerabilidade social, e *Me Chame Pelo Seu Nome* reflete sobre o despertar afetivo e o impacto do primeiro amor.

Segundo Fox, “por meio de um ou mais momentos de revelação na narrativa do filme, o personagem principal é capaz de avançar em sua vida e amadurecer para uma ‘nova idade’ – um senso de si mais desenvolvido³” (2018, p. 5). Essa perspectiva ajuda a compreender como o gênero articula amadurecimento, conflito e autodescoberta, consolidando-se como um espaço de diálogo entre experiência pessoal e realidade coletiva.

Narrativas que moldam o crescimento

Nos filmes *coming of age*, a trajetória de amadurecimento é construída por narrativas que exploram diferentes dimensões da vida do protagonista. O gênero representa o crescimento não apenas como uma passagem cronológica, mas como um processo que envolve conflitos, decisões e descobertas fundamentais para a formação da identidade. Situações cotidianas aparentemente banais – um gesto de amizade, um conflito familiar ou uma primeira experiência amorosa – são tratadas como marcos simbólicos mostrando que cada detalhe contribui para o desenvolvimento do protagonista. A seguir, elenca-se quatro elementos recorrentes nas narrativas do gênero.

1. Dimensão Familiar

As relações familiares constituem um dos núcleos centrais dessas narrativas. Entre segurança e frustração, a família funciona como espaço de afeto e limite, onde o protagonista aprende a lidar com regras, expectativas e contradições. Esses conflitos

³ No original: “Through one or more moments of revelation in the film story, the main character is able to move forward in his or her life and mature into a ‘new age’ – a more developed sense of self.”

podem surgir de diversas formas: divergências de valores e desejos, imposições sobre o modo de ser ou choques geracionais que desafiam a liberdade do jovem. Essas experiências cotidianas tornam-se marcos significativos de crescimento, mostrando que o amadurecimento, nesse contexto, não é linear nem previsível, mas resulta de um processo contínuo de negociação, adaptação e aprendizado. A família atua, assim, como referência, guia e, ao mesmo tempo, desafio para a afirmação da identidade individual.

No filme *Didi*, a relação entre Chris e sua irmã Vivian ilustra essa complexidade. Logo na primeira cena do filme, o convívio é marcado por brigas e provocações constantes, refletindo tensões típicas das relações entre irmãos. No entanto, mais adiante, há uma sequência em que, após Chris voltar de uma festa passando mal, Vivian o ajuda no banheiro e o encobre diante da mãe, demonstrando cuidado e proteção em meio às tensões cotidianas. Em seguida, quando ela parte para a faculdade, o abraço entre os dois sintetiza o afeto e a cumplicidade que coexistem com o conflito. Essa evolução mostra como a família pode ser, simultaneamente, fonte de atrito e espaço seguro, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, da empatia e da identidade do protagonista.

2. Amizade

A amizade oferece ao protagonista um espaço de experimentação, acolhimento e confronto fora do contexto familiar. É no convívio com amigos que ele testa limites, comete erros, descobre lealdade e se defronta com rivalidades e perdas. Essa dimensão revela o amadurecimento como um processo relacional e coletivo, no qual a identidade se forma pelo espelhamento e pela diferença – pela experiência compartilhada e pela percepção do outro.

3. Experiências amorosas

Os primeiros relacionamentos e a descoberta da sexualidade marcam pontos de virada na narrativa. Mais do que a estabilidade dos vínculos, o que importa é o impacto emocional dessas experiências: nelas o jovem confronta expectativas, vulnerabilidade e desejo, aprendendo a reconhecer seus próprios limites. O amadurecimento, portanto, não decorre da duração dos laços, mas da transformação interior que produzem.

4. Autoconhecimento

O autoconhecimento é o fio condutor de todas as dimensões anteriores. As decisões, erros e descobertas levam o protagonista a compreender seus valores e desejos, configurando verdadeiros ritos de passagem. As narrativas do gênero utilizam elementos simbólicos e estruturais para traduzir essa experiência de crescimento: a saída de casa, a mudança de escola ou a exploração de ambientes desconhecidos funcionam como metáforas da transição entre as fases da vida.

Recursos como a passagem do tempo e o uso de flashbacks acentuam a percepção do amadurecimento, mostrando etapas e transformações na vida do protagonista. Momentos de silêncio, contemplação ou rotina cotidiana contrastam com cenas de conflito e descoberta, criando um fluxo que reflete as oscilações emocionais do protagonista. Nesse contexto, o conceito de rito de passagem ajuda a compreender como essas transições aparecem nos filmes juvenis:

O rito de passagem opera de duas maneiras no cinema adolescente. A primeira é como um ritual que marca a passagem entre diferentes estados sociais, como as cerimônias de formatura, ou indicando uma mudança iminente desse tipo, como o ‘baile de formatura’. A segunda não depende de nenhum ‘rito’ literal e poderia ser mais propriamente chamada de ‘experiência de limites’. A primeira é sempre um marcador cultural, em vez de meramente pessoal, mas a diferença fundamental está em saber se o rito de passagem pertence a uma das principais estruturas narrativas do cinema adolescente, o ‘coming of age’⁴ (DRISCOLL, 2011, p. 66).

Em conjunto, esses elementos revelam que amadurecer vai além da cronologia da vida: trata-se de enfrentar dilemas, assumir escolhas e elaborar descobertas que, somadas, definem a identidade em formação.

Nostalgia em cena

Um dos principais motores de identificação entre o público e a narrativa *coming of age* é a nostalgia. Mais do que um sentimento de saudade, ela funciona como elo entre a experiência individual e a coletiva, permitindo ao espectador reconhecer fragmentos da

⁴ No original: “The rite of passage operates in two ways for teen film. The first is as a ritual marking passage between different social states, like graduation ceremonies, or indicating an immanent change of this kind, like ‘the prom’. And the second does not depend on any literal ‘rite’ and might be more properly called an ‘experience of limits’. The former is always a cultural rather than merely personal marker, but the key difference lies in whether the rite of passage belongs to one of teen film’s principle narrative structures, ‘coming of age’.”

própria trajetória. Esses filmes ativam memórias emocionais e sensoriais, convidando o público a revisitar a juventude – um tempo em que o mundo parecia maior, mais amplo e as descobertas mais intensas.

O sentimento nostálgico não se limita à saudade da juventude: ele carrega também o peso da passagem do tempo – aquilo que ficou para trás e o que permanece. Crescer implica mudar, e toda mudança envolve deixar algo de si no passado. Essa ambiguidade dá força à nostalgia: ela é emocionante, pois recorda momentos significativos da trajetória pessoal, mas também melancólica, por revelar que esses momentos não voltam mais.

A nostalgia se constrói por meio de recursos narrativos e estéticos. Fotografia, trilha sonora e ritmo das cenas criam uma atmosfera que evoca o tempo vivido. Iluminação, cores e músicas marcantes acionam a memória afetiva do espectador, enquanto roupas, objetos, gírias e tecnologias funcionam como marcadores temporais que despertam identificação.

A razão para essa efervescência é que os filmes de *coming of age* convidam os espectadores a experimentar como é estar na condição da adolescência, emocional e imaginativamente... eles oferecem um meio tanto para o autor/filmmaker quanto para o leitor/espectador perceber o que pensam e sentem, ou o que pensaram e sentiram no passado⁵ (FOX, 2018, p. 3).

Em *Boyhood* (Richard Linklater, 2014), a sensação de nostalgia nasce da passagem real do tempo – o filme foi gravado ao longo de doze anos, acompanhando o crescimento dos atores. Já em *As Vantagens de Ser Invisível* (Stephen Chbosky, 2012), ela emerge da intensidade emocional das experiências juvenis, nas quais amizade, amor e descoberta se tornam existenciais. Em *Didi*, além da dimensão emocional, a nostalgia assume um caráter cultural: o filme recria o início dos anos 2000, com referências tecnológicas e sociais que remetem a uma época de transição, quando o mundo digital começava a se integrar à vida cotidiana.

Esses exemplos mostram que a nostalgia pode assumir diferentes formas, mas cumpre sempre a mesma função: reaproximar o espectador de um período da vida que,

⁵ No original: “The reason for this efflorescence is that coming-of-age films invite spectators to experience what it feels like, emotionally and imaginatively, to be in the condition of adolescence... they provide a means for both the author/filmmaker and reader/spectator to realize what it is they themselves are thinking and feeling, or have thought and felt in the past...”

embora passado, continua significativo. O cinema, nesse viés, funciona como um espelho – refletindo não apenas o que fomos, mas o que permanece em nós. A nostalgia, assim, transforma o *coming of age* em uma experiência de autoconhecimento e de relembrar a si mesmo.

Em síntese, é a nostalgia que confere profundidade à experiência de amadurecer. O público se reconhece nas telas, revisita emoções e compreende que o tempo, mesmo que passageiro, é o que dá sentido à vida. É por meio dela que o gênero *coming of age* alcança o coração do espectador – não porque mostra algo novo, mas porque faz lembrar do que um dia já foi.

***Didi*: Uma jornada do crescimento**

Em *Didi*, acompanhamos Chris, um garoto sino-americano que vive o verão anterior ao ensino médio tentando entender quem é e onde se encaixa. Ao longo da narrativa o protagonista se depara com experiências que envolvem família, amizade e autoconhecimento – dimensões que estruturam sua passagem simbólica da infância para a vida adulta.

Mais do que acompanhar eventos externos, o filme oferece uma observação sensível sobre o processo de crescimento. Chris vivencia situações que expressam seu desejo de pertencimento e de afirmação de identidade, ao mesmo tempo em que revelam a dificuldade de conciliar expectativas culturais e pessoais. Em sua jornada, há momentos de constrangimento, descoberta e vulnerabilidade típicos do gênero *coming of age*, no qual o amadurecimento se conquista não apenas nas realizações, mas também nas frustrações. Cada situação representa uma etapa simbólica do processo de autodescoberta, construído entre o desejo de ser aceito e a necessidade de se reconhecer.

Ambientado nos anos 2000, o longa constrói um universo nostálgico que reforça a identificação do público com a trajetória de Chris. Existem elementos — uso de computadores antigos, câmeras digitais, MSN e estética das primeiras redes sociais — que funcionam como marca temporal e uma extensão da própria experiência de crescimento do protagonista. Essa nostalgia material, reativa memórias coletivas de uma geração que viveu a adolescência nesse período, criando uma conexão afetiva com o espectador.

Inserido nesse universo nostálgico e de afetos, lembranças e

transformações, o amadurecimento de Chris ganha forma em três dimensões fundamentais — amizade, amor e família — que, juntas, estruturam sua passagem emocional para a vida adulta.

Durante a adolescência, as amizades assumem um papel fundamental na formação da identidade. É por meio delas que o indivíduo experimenta o pertencimento, constrói referências externas e aprende a lidar com a aceitação e rejeição. Em *Didi*, essas relações revelam tanto o desejo de conexão de Chris quanto suas inseguranças. O convívio com os amigos torna-se um espaço de experimentação, mas também de confronto com sua própria vulnerabilidade.

A cena do parque de diversões, em que Chris sai com o melhor amigo e duas garotas, marca um ponto de virada importante. O passeio, que inicialmente representa leveza e liberdade, transforma-se em um momento de desconforto e exclusão. É nesse contraste que o filme revela uma das etapas mais difíceis do crescimento: entender que o desejo de ser aceito nem sempre conduz ao pertencimento real.

Quando tenta se enturmar contando uma história “engraçada” que não é bem recebida, Chris se depara com o medo de ser mal interpretado e com a diferença entre como se vê e como é visto pelos outros.

Essa situação se agrava mais ainda, quando ao final do passeio, as garotas e até seu melhor amigo o deixam para trás. No momento em que o amigo decide ir embora com elas, os dois trocam um olhar silencioso (Figs. 1 e 2) – breve, mas carregado de culpa e constrangimento – que simboliza a ruptura. Sozinho no estacionamento escuro à espera da mãe (Fig. 3), Chris compreende que crescer também é enfrentar a rejeição e reconhecer o próprio lugar no mundo.

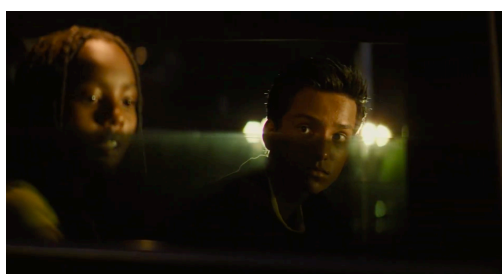


Figura 1: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Troca de olhares entre Chris e seu melhor amigo.



Figura 2: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Troca de olhares entre Chris e seu melhor amigo.

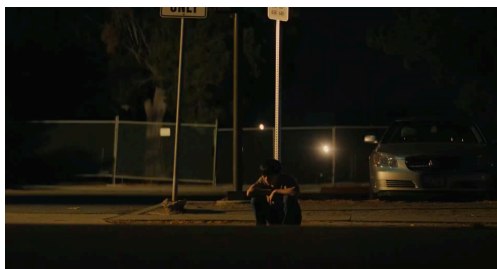


Figura 3: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Chris sozinho no estacionamento, aguardando a mãe.

Se nas amizades Chris experimenta o desejo de pertencimento e a dor da rejeição, nas relações amorosas ele vive outro tipo de aprendizado: o da descoberta de si através do olhar do outro. O primeiro interesse amoroso, comum das narrativas *coming of age*, surge em *Didi* como extensão dessa busca por aceitação e como espaço de vulnerabilidade. Curiosidade, desejo e medo de não corresponder às expectativas se entrelaçam, revelando a delicadeza do despertar afetivo.

A cena do encontro amoroso de Chris com Madi, a menina que ele gosta, evidencia essa tensão (Fig. 4). Antes do encontro, ele ensaia gestos e falas; durante, percebe que nem tudo pode ser controlado. A ansiedade e o desejo de impressionar convivem com a insegurança, e o constrangimento que surge quando Chris admite estar nervoso, quebra o clima e expõe sua fragilidade. Essa vulnerabilidade, captada pela câmera em planos fechados e gestos sutis, traduz o aprendizado emocional da adolescência: compreender os próprios limites e aceitar que o erro e o desconforto também fazem parte da experiência afetiva.

O desfecho, com Chris caminhando sozinho por uma rua vazia após o encontro, conecta a experiência à ideia de crescimento interior (Fig. 5). O amadurecimento, nesse contexto, não depende do sucesso imediato, mas da consciência adquirida – a percepção de que aprender a amar e a se relacionar envolve tentativa, erro e reflexão.



Figura 4: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Madi se aproximando de Chris.

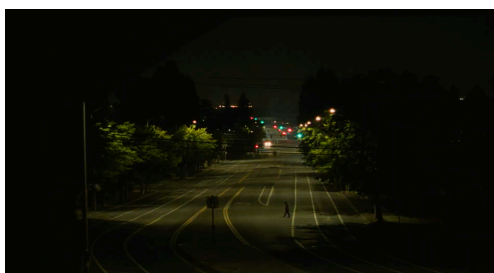


Figura 5: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Chris voltando para casa após o encontro.

Por fim, a cena familiar mostra uma das camadas mais delicadas da jornada de amadurecimento de Chris: o confronto direto com a mãe e todas as tensões emocionais que esse embate carrega. Depois de ser humilhado pelos colegas e reagir de forma impulsiva e agressiva, Chris leva para dentro do carro suas frustrações acumuladas, transformando o momento de conversa com sua mãe em um momento de explosão emocional. Enquanto discutem, surgem acusações duras, ele questiona a autoridade dela, deslegitima seu trabalho artístico e expressa uma dor mais profunda: a sensação de não ser compreendido.

A violência nas palavras de Chris, mostram um desejo de ser visto, mas também a dificuldade adolescente de transformar sentimentos mais complexos em diálogo. Quando a mãe quase o agride e interrompe o gesto no ar (Fig. 6), o filme constrói um instante de suspensão, onde a câmera permanece fixa mostrando o rosto dos dois, captando essa mistura de medo, arrependimento e feridas que os atravessam. Esse silêncio visual intensifica essa quebra emocional entre mãe e filho, dando ênfase a um limite que, apesar de não ultrapassado, marcou os dois profundamente.

A fuga de Chris pela rua escura e vazia (Fig. 7) e dormir fora de casa, simboliza não só a necessidade de distância, mas a atitude clássica do

adolescente que busca se reconhecer fora do espaço familiar. Quando volta para casa pela manhã, a reconciliação com a mãe transforma o conflito em oportunidade de amadurecimento. A conversa íntima no quarto, é feita por planos mais fechados e luz suave, revelando a vulnerabilidade dos dois lados, a mãe admite suas frustrações e sonhos abandonados, enquanto reafirma o amor e o orgulho que sente pelos filhos.

É nesse diálogo, desarmado e honesto, que Chris entende que crescer também significa reconhecer a humanidade dos pais, seja suas contradições, limitações ou afetos silenciosos. O abraço que encerra a cena (Fig. 8) funciona justamente como uma síntese emocional: não é o retorno à infância, mas sim a construção de um vínculo mais maduro, em que os dois se enxergam com mais clareza.



Figura 6: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Chris e a mãe discutindo no carro.

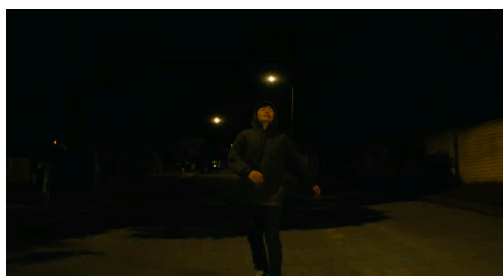


Figura 7: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Chris fugindo pela rua escura e vazia.

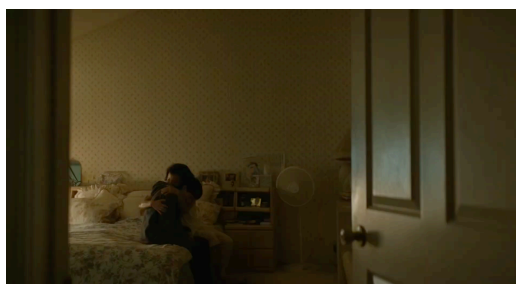


Figura 8: Frame de *Didi* (Sean Wang, 2024). Chris e a mãe se abraçando.

Ao abordar essas dimensões, *Didi* constrói uma jornada de amadurecimento por meio de pequenas tensões, descobertas e reconciliações. Cada experiência vivida por Chris carrega um pedaço de perda e construção, mostrando que crescer significa lidar com mudanças e frustrações, reconhecer sua vulnerabilidade e aprender a se perceber no olhar do outro. O filme transforma situações normais e cotidianas em passagens simbólicas da adolescência, mostrando que o amadurecimento não necessariamente precisa ser marcado por grandes eventos, mas por uma soma de situações, gestos, conflitos e afetos que moldam quem a pessoa está se tornando.

Considerações finais

Esse trabalho buscou compreender de que forma o cinema *coming of age* constrói a jornada de amadurecimento de seus protagonistas e como esses filmes despertam identificação e nostalgia. A partir da discussão teórica, ficou evidenciado que o gênero se consolida pela articulação entre conflitos internos e externos, transformações subjetivas e experiências sociais que configuram a passagem da infância para a vida adulta. Não se trata só de registrar um desenvolvimento cronológico, mas de dar forma as tensões, vulnerabilidades e descobertas que fazem parte do processo de formação de um indivíduo. Assim, o cinema demonstra o amadurecimento como uma experiência dramática e simbólica, capaz de transpor afetos e dilemas universais desse período de vida.

A análise das dimensões narrativas do gênero, mostrou que o crescimento costuma ser estruturado em quatro núcleos: família, amizade, descobertas amorosas e autoconhecimento. Cada um desses, oferece ao protagonista desafios que servem como marcos de transformação. Conflitos familiar mostram expectativas, limites e choques geracionais; as amizades servem como espaço de experimentação e espelhamento; os vínculos amorosos expõem vulnerabilidade, expectativas e necessidade de se reconhecer pelo outro; e o autoconhecimento sintetiza todo o percurso, fazendo com que o personagem reorganize sua identidade a partir dessas experiências.

O estudo de caso de *Didi* evidenciou como essas estruturas se projetam em narrativas contemporâneas. O filme mostra que a jornada de Chris se desenvolve justamente pela ligação desses quatro eixos, onde pequenas situações — conflitos com a mãe, irmã, tensões entre amigos, inseguranças diante do primeiro amor — funcionam

como passagens simbólicas. *Didi* também acrescenta uma camada significativa ao repertório do gênero: a nostalgia material dos anos 2000, expressa pela tecnologia, objetos e códigos que definem aquele período. Essa escolha estética amplia a identificação do público ao entrelaçar memórias coletivas e individuais.

Por fim, o estudo revela que o *coming of age* permanece relevante porque nos recorda que crescer é um processo contínuo, feito de avanços e vulnerabilidades, marcado por vínculos, perdas e descobertas. Ao transformar essas experiências em linguagem cinematográfica, o gênero permite que o espectador reconheça em cada narrativa um pedaço de si – confirmando que o cinema, ao contar histórias de amadurecimento, reabre caminhos de memória, pertencimento e autoconhecimento.

Referências bibliográficas

FOX, Alistair. **Coming-of-Age Cinema in New Zealand: Genre, Gender and Adaptation**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2017. ISBN 9781474429443.

DRISCOLL, Catherine. **Teen Film: A Critical Introduction**. 1. ed. Londres: Berg Publishers, 2011.

Referências Filmográficas

Didi. Sean Wang. Estados Unidos, 2024.

Juventude Transviada (Rebel Without a Cause). Nicholas Ray. Estados Unidos, 1955.

Os incompreendidos (Les Quatre Cents Coups). François Truffaut. França, 1959.

Conta comigo (Stand by me). Rob Reiner. Estados Unidos, 1986.

Lady Bird. Greta Gerwig. Estados Unidos, 2017.

Moonlight. Barry Jenkins. Estados Unidos, 2016.

Me Chame Pelo Seu Nome (Call me by your name). Luca Guadagnino. Itália/França/Estados Unidos, 2017.

Boyhood. Richard Linklater. Estados Unidos, 2014.

As vantagens de ser invisível (The Perks of Being a Wallflower). Stephen Chbosky. Estados Unidos, 2012.